

ATRAVESSANDO O MAR COM PAULINHO DA VIOLA: *Provocações acerca do problema da individuação em Aristóteles-Simondon*

Pedro Menezes¹
Wallace Lopes Silva²

Resumo:

O objetivo deste ensaio é possibilitar o diálogo transdisciplinar do pensamento filosófico acerca do problema da individuação em Aristóteles-Simondon, utilizando a paisagem musical produzida nos sambas de Paulinho da Viola como atravessamento que traga o mar como uma temática que possa ser pensada pela filosofia. Irei tematizar o pensamento-mar de Paulinho da Viola como elemento crucial deste ensaio, lançando o pensamento a novas fronteiras geográficas de relações que possam ser inventadas.

Palavra chave: Atravessamento, Território, Paulinho da Viola e Filosofia.

Abstract:

The purpose of this essay is to enable transdisciplinary dialogue of philosophical thought about the problem of individuation in Aristotle and Simondon. Using the musical landscape produced in sambas of Paulinho da Viola as crossing that brings the sea as a theme that might be thought by philosophy. I will thematize the thought-Sea of Paulinho da Viola as a crucial element of this test, launching new thinking geographic boundaries of relationships that can be invented.

Key-words: Crossing. Territory. Paulinho da Viola. Philosophy .

Homem livre, o oceano é um espelho fulgente
Que tu sempre hás de amar. No seu dorso agitado,
Como em puro cristal, contempas, retratado,
Teu íntimo sentir, teu coração ardente.

Gostas de te banhar na tua própria imagem.
Dás-lhe beijo até, e, às vezes, teus gemidos
Nem sentes, ao escutar os gritos doloridos,
As queixas que ele diz em mística linguagem.

Vós sois, ambos os dois, discretos tenebrosos;
Homem, ninguém sondou teus negros paroxismos,

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IFCH/UERJ).

E-mail: oemaildopedro@hotmail.com

² Programa de Mestrado em Relações Etnicorraciais (PPRER/CEFET-RJ). Vinculado às linhas de pesquisa do CNPq- Campo Artístico e Construção de Etnicidade (PPRER/CEFET-RJ), Poder simbólico no espaço (Lab/ ESPAÇO-IPPUR/UFRJ) e o Afrosin (Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Interseções/ Instituto Multidisciplinar da UFRRJ). E-mail: wartelopes@yahoo.com.br

Ó mar, ninguém conhece os teus fundos abismos;
Os segredos guardais, avaros, receosos!

E há séculos mil, séculos inumeráveis,
Que os dois vos combateis n'uma luta selvagem,
De tal modo gostais n'uma luta selvagem,
Eterno lutador, ó irmãos implacáveis!

Charles Baudelaire, in "As Flores do Mal"
Tradução de Delfim Guimarães

Atravessar é preciso:

O que pode ser uma travessia? O que é atravessar? Quais os perigos e riscos consistem nessa travessia? As forças? Os desejos? As estratégias? As paisagens e seus traços, curvas e linhas de fuga? Cezanne não pinta com cores definitivas, mas, cria novas paisagens do pensamento ao inventar um território expressionista singular. O atravessar não necessariamente está expresso no ponto de chegada do outro lado da rua, mas pode ser desenhado por (des)encontros com conceitos que nunca estão prontos e acabados, sempre a serem produzidos.

No diálogo com Deleuze: “Quais as necessidades de um conceito? O que pretende esse conceito? Só crie um conceito quando houver necessidade”. A travessia não tem nenhuma garantia de um território sólido, concreto e estável para que possa ser concluída. Para essa realização é preciso estar aberto a novas percepções, criar novos ouvidos e um corpo estranho e instaurar um estrangeirismo dentro de uma língua. No percurso do atravessar novos corpos são construídos, somos afetados por outras vozes e por uma monstruosidade de outros autores. O ato de atravessar consiste em resistências, negociações, improvisos e estratégias.

Pedindo licença poética ao Poeta Guimarães Rosa é preciso criar uma terceira margem do rio, talvez um entre lugar e um território subterrâneo onde talvez morem novas vias de criação.

Os conceitos são máquinas de guerra que trazem em si diferentes forças vitais, outras redes relacionais e históricas, um novo agenciamento que fabrica ferramentas para que uma nova leitura possa problematizar um novo mundo.

Nesse sentido pensar no que pode ser uma travessia é compreender quais as conexões, articulações e composições que Paulinho da Viola produziu em seus textos, possibilitando novos espaços de abertura povoada por outras vozes. Tal exercício de criar articulações com outros autores faz com que Paulinho da Viola seja atravessado por uma multidão de vozes que possibilita a emergência de conectar redes estratégicas para ler novas configurações do

pensamento tectônico. Nessa travessa de horizontes a serem desenhados, tentarei estabelecer um breve diálogo com Paulino da Viola a partir de uns alguns textos.

Primeiro marca passo:

O ato de escrever exige daquele que escreve um obscurecimento da alma, tempestades de solidão, buscar aquilo que não esteja encharcado de tão somente humano e moral; provocações, inquietações, paixões, atos de fúrias, tentativas de assassinatos na alma e todos os tipos de riscos. A escrita possui sua magnitude, seus tremores e turbulências. Acredito que seja necessário um transbordamento de vida sobre aquilo que você realiza, semelhante a Van Gogh que pintou girassóis que ainda não existiam na tela em branco de um quadro. Do mesmo modo que Clarice Lispector inventa seus demônios em seu quarto para escapar dos problemas existenciais e, também, tal como Marx transforma a opressão do operário uma máquina de guerra contra a burguesia e a ascensão capitalista. Posturas e posicionamentos completamente diferentes, mas que estão assentados no mesmo plano turbulento de criação, ou seja, justamente na cisão e na quebra com o senso comum. Já não há tempo para paz nem para apaziguamento, se não criamos morremos e nisso podemos dizer: é preciso algum risco e desconfiança ao escrever, pois os atos trazem na sua própria ação alguma tentativa de fazer o que não seja possível e mergulhar em esforços que exigem do poeta, filósofo, geógrafo e músico algo com o que a vida possa ser expressa na sua própria ação, em seu próprio plano desmedido e transbordante. No exercício da escrita me faço essa breve pergunta: é possível articular Aristóteles, Simondon e Paulinho da Viola?

O navegante seduzido pelas infinitas ondas e seus movimentos constantemente irregulares está sempre à deriva produzindo territórios, que sabe ele, são completamente instáveis e incertos, portanto ilusórios e espectrais. O território produzido tem seu caráter problemático, pois como um acontecimento ele emerge da/na instabilidade total, ele é uma conquista, ele é metaestável e não requer outra coisa que não as nuances marítimas para constituir-se e constituir-se ao infinito.

Parto de algumas provocações de que talvez a filosofia tenha encantado Paulinho da Viola, onde que essa relação entre paixões seja encharcada de transbordos e afetos oceânicos de superfícies instáveis e profundidades enigmáticas. Ou poderíamos dizer que Paulinho da Viola seja um inventor de movimentos-imagens, pois o mesmo fabrica um ritmo musical que implica uma forma de inteligibilidade do mundo, capaz de levar o indivíduo a sentir, constituindo o tempo, como se constitui as forças que atravessam a vida e as linhas de fuga do mar:

atravessamento. Com isso podemos apontar que a arte é não apenas um modo de pensar, ela é o próprio bojo e vitalidade que transborda o pensamento que toma força com a modalidade musical expressada por Paulinho da Viola a partir de imagens, blocos de sensações e paisagens efêmeras que não se cristalizam, sendo articuladas com o devir. Devir-mar. O mundo é uma correnteza, cheio de obscuridades, imprevistos e tempestades em que o homem é fraco perante certas forças que o atravessa. Se a humanidade é uma forma, então o além-do-homem ainda está no porvir... é preciso arrombar.

A força de uma potência é maior do que a nossa, humana; capaz de dominar o rumo que tomamos, alterando-o, forjando descaminhos a-teleológicos. O risco é sempre a estagnação da água parada sendo supostamente apenas uma imagem imobilizada, mas lembremo-nos que por mais parado que um lago parece ser, a força do vento e de tantos outros elementos que entram em contato com ele, nunca o deixam isolado do mundo, ou seja, um mundo é sempre uma composição de uma infinidade de elementos, os mais variados possíveis. Nada é menos óbvio que um objeto de destaque. Assim, Paulinho da Viola se recobre de uma série de imagens ligadas à água que flui. A ideia de um pensar em movimento onde o navegante não tem força perante a vida, ele precisa ser na própria correnteza.

Aristóteles-Simondon-Paulinho:

Se pretendermos de alguma forma pensar uma relação precisa entre Aristóteles, Simondon e Paulinho da Viola, esta relação é dada ou bem construída de alguma maneira, ou seja, ela já se apresenta como um fluxo. Trataremos dela, sobretudo, através da ideia bastante problemática no campo da filosofia, chamada princípio de individuação. Em linhas gerais, o que esse princípio formula? O princípio de individuação é pensado geralmente como uma base, um meio, um fundamento, uma forma, de onde e como os indivíduos em seus caracteres mais simples e complexos são produzidos; Aristóteles pensa um, Simondon pensa outro e Paulinho da Viola podemos dizer que o expressa também, a sua maneira. Queremos no final deste ensaio, concluir com a ideia de que a arte também é possibilidade de individuação dos seres e dos mundos, e não é mais nem menos poderosa ou eficiente que a filosofia; o que interessa fundamentalmente seria a ideia de expressão em que o ser que se expressa não se diferencia da expressão efetuada, ou seja, que ele próprio é seu próprio processo, sua obra, sua dobra, sua revolução e utopia. Esta ideia articula-se entre Simondon e Paulinho da Viola, primeiramente, o campo pré-individual (mar) em uma pura imanência no homem (homem-mar). O homem toma outra configuração, podemos dizer que homem e risco não são diferentes; a humanidade torna-se uma conquista e não uma atualização em via de seus próprios fins.

Iniciaremos este trabalho com o pensamento aristotélico esboçado em alguns conceitos. O mundo. O que é o mundo? O que existe? Aristóteles pensa o mundo e os existentes através dos indivíduos particulares, e esta sua concepção rompe com a de outrora, proposta por Platão, que diz que o que existe realmente são as ideias, pois, o mundo sensível, o mundo do devir e da transformação, não pode ter nada efetuado, construído e produzido por inteiro, portanto, o que existe são as ideias, que são os modelos os quais os seres inseridos no devir, no mar, na correnteza, no rio, nas dunas e pântanos, se apoiam e de alguma forma participam delas. Mas se há relação de participação entre os seres do mundo sensível e do devir com as ideias, imóveis e imutáveis, deve haver uma ideia desta participação, uma vez que isto não pode haver no universo sensível – estando tudo em constante transformação -, portanto parece haver um problema com a concepção de Platão no que concerne à possibilidade dos próprios seres sensíveis se desenvolverem... Se inserirmos o pensamento aristotélico nessa dificuldade que encontramos em Platão, nos parece que Aristóteles facilita e simplifica o contato dos indivíduos – seres que estão sempre no devir – com as ideias, que em Aristóteles, estão integradas nos indivíduos, mas somente a partir de Deus, pensamento do pensamento, do motor-imóvel.

O mundo não é mais mera cópia das ideias, mas é agora atualização das formas contidas nos indivíduos. Estes indivíduos só são do modo que são em função das formas que neles estão, ou mais precisamente, da atualização que se efetua. Diversos conceitos são utilizados por Aristóteles nesse problema, iremos nos servir de alguns: substância, matéria, potência, forma e ato. Com essas noções acreditamos poder situar o problema da individuação em Aristóteles e confrontá-lo com Simondon; não que haja um duelo entre ambos, mas nesse problema do princípio de individuação, com Simondon fica evidente a possibilidade de outro caminho, um outro modo de expor e pensar. Todos os indivíduos são substâncias, e o que isso significa? A substância é ao mesmo tempo a unidade, nos seres, que suporta os acidentes, a pluralidade dos caracteres, mas também, a substância é a totalidade dos elementos essenciais e accidentais, portanto, essa noção é utilizada em dois sentidos, um estrito, como suporte e um lato, como totalidade. A substância nos remete a outros dois conceitos, a saber, os de forma e matéria; a forma diz respeito àquilo que faz com que a coisa seja o que ela é, ela confere unidade e sentido (finalidade, *telos*) aos elementos materiais; e a matéria é aquilo de que é feito algo, e nesse sentido, é ela que potencializa a forma, ou seja, a forma por si só não existe no mundo, o que existe é sempre um misto de forma e matéria, e nesse misto é que acreditamos poder pensar a noção de substância: unidade de matéria e forma na existência individual. Ao mesmo tempo em que as substâncias são mistas, os seus devires, os seus movimentos estão sempre articulados com sua totalidade e unidade, expressa através das atualizações possíveis – pois há matéria – pela forma. Do mesmo modo como no mundo não há forma pura, também não há matéria pura;

mas, se matéria pura seria pura potência e possibilidade, a forma pura seria puro ato, pura atividade; a forma pura, para Aristóteles, tem nome, chama-se Deus. Deus é o motor-imóvel, o que significa que ele move sem ser movido, ele é o princípio do movimento e sua existência é necessária tendo em si mesmo a razão do existir, no entanto, ele mesmo não pode se mover, uma vez que se se movesse iria de onde está para onde não está, e isto não possível, pois, Deus é pleno. Puro ser, puro pensamento, imaterial, pois todo material é preenchido por movimento.

Aristóteles pensa o movimento como o protótipo do contingente, como uma atualização constante do ser e não-ser de forma sucessiva, no que concerne aos seres individuados. Se estamos em um mundo de movimento é necessário que este mundo tenha sido posto em movimento por outra força, essa força é Deus. O mundo é formado a partir do pensamento de Deus, ele pensa seu próprio pensamento. E nada mais que isso. O universo está formado e tudo, nos indivíduos, se dá por atualização da forma:

“Se a forma da coisa é aquilo que confere à coisa sua inteligibilidade, seu sentido, seu *telos*, seu fim, não há mais remédio que admitir que cada coisa foi feita do mesmo modo como o escultor faz a estátua. Tiveram que ser feitas todas as coisas no universo, todas as realidades existenciais por uma causa inteligente, que pensou o *telos*, a forma, e que imprimiu a forma, o fim, a essência definitiva na matéria” (MORENTE, Manuel Garcia. *Fundamentos de Filosofia – Lições Preliminares*. Página 97. 1967).

Mas, se a matéria é também de extrema necessidade para o desenvolvimento dos seres existentes, devemos encontrar um mundo demasiado apaziguado e simplificado, pois, as formas estão aí, é evidente e claro; nada mais ocorre no mundo do que atualizações sucessivas de formas prévias. Os seres tendem de um horizonte já estabelecido, a atravessar o mundo já inserido no seu fim; não há novo, não há quebra. Poderíamos pensar o novo no interior do esquema material, mas, a pura materialidade não é possível de ser pensada. A forma é senhora do mundo e a matéria simples amiga da forma, sem ação por si, mas possibilitando ações já constituídas no intelecto divino. É a forma que explica tudo e os seres limitam-se em desenvolver aquilo que contem em germe, que pré-existe na matéria enquanto possibilidade de seu acabamento.

Portanto, temos o princípio de individuação no pensamento aristotélico vinculado a um esquema conceitual bastante complexo, articulado e sistematizado. Mas, por mais que haja uma infinidade de problemas no próprio aristotelismo, o necessário nesse sistema nos parece ser a necessidade da anterioridade de Deus, que pensa as formas que estarão posteriormente contidas nos seres individuais como a própria possibilidade de suas individuações, através de um

processo limitado de atualização, uma vez que este processo se apoia na forma e em seus limites. Enquanto, em Simondon, o princípio de individuação compõe-se com o puro devir, com a total ausência de determinação *a priori* e limites internos. Agora, pensa-se o indivíduo como contemporâneo a sua individuação, ao seu princípio. “(...) o princípio deve ser verdadeiramente genético, não simples princípio de reflexão” (DELEUZE, Gilles. *Gilbert Simondon, O indivíduo e sua gênese físico-biológica*. Página 1, 1966). Esta reflexividade podemos verificar no pensamento de Aristóteles, uma vez que os indivíduos nada mais fazem que refletir as possibilidades contidas na forma. Com Simondon, o próprio indivíduo passa ser um meio de individuação, e não mais resultado. A individuação é um processo intensivo e infinito. Pretendemos estar nesse problema da individuação, em Simondon, nestes termos que foram apresentados, pois eles já nos dão ferramentas para articular os dois pensadores com Paulinho da Viola, com o Timoneiro, com o homem-mar.

Como poderíamos situar o princípio de individuação pensado por Aristóteles e Simondon com Paulinho da Viola? Percebemos de imediato o caráter de finitude no pensamento aristotélico para com as individuações e o caráter de intensidade e de permanente metamorfose, em Simondon. Como poderia o homem individuar-se?

Homem-mar: Territórios instáveis:

O homem andou por andar, andou. E parou na beira do mar. Um assovio, os pés descalços na areia. O barulho das ondas. Um aquário gigante e infinito que permite pescar a vida toda. Ele andou por andar e, de tanto andar, encontrou o mar. E de perto dele não quer mais sair. Paulinho da Viola é o homem-mar. Um assovio e pouca fala fazem parte do seu teatro marinho. A bela canção vai começar. O músico está certo: quem vem pra beira do mar nunca mais quer voltar. E é perto do mar que o homem faz sua história, sua vida. É no mar que as histórias se (des) encontram.

O mar é o elemento topográfico que está interposto entre homem e certeza. É, através dele, que, desde o século XV, laços históricos e interculturais constroem-se entre ambos os povos e, cada vez mais, configuram-se para além de um topo fronteiro. Vale lembrar que entendo como fronteira, como demarcação de limites territoriais, pontos não fixos e deslocamentos. Podemos dizer que o “homem-mar” é espaço de mar-terra, lugar de novas experiências não acabadas, com isso todo homem é um pedaço de oceano, no acaso. Nessa dinâmica, o mar torna-se território de encontros, diálogos e transformações do olhar diante do mundo. Com um movimento cronotrópico, a dissolução de fronteiras com outros territórios

ainda a serem inventados. O mundo do homem-mar é um turbilhão espiralado sem entrada e saída, sem começo e fim; expressar é misturar-se.

Nos fluxos e refluxos das ondas, a poesia de Paulinho da Viola desenha uma espécie de simbiose entre navegante-mar, traço perceptível nas imagens metonímicas do corpo cambiante poetizado nas expressões:

Ele que me leva/ E o mesmo que me traz dentre outras...

É no corpo da linguagem que o interior e o exterior geram encontros e desencontros:

Olha o mar não tem cabelos/ O leme da minha vida / Ele me faz navegar...

O navegante é produzido e gestado pelo mar. Suas relações são instáveis como o mar que é eterno movimento de si mesmo.

Onde está meu corpo? Cadê a unidade das coisas? Os encontros geram tudo, mas também desmancham e derretem as coisas. Em um simultâneo de tempo, todo o universo marítimo corrobora para o deslocamento dos corpos que já não operam pelo livre-arbítrio da vontade em função do bom uso da razão, mas pela progressiva composição eterna com o caos-mar, ininterrupto. Os corpos são como que deslumbres do próprio mar para consigo; são micro e macro simultaneamente, e todo mundo situado fora dos corpos são muito mais intensivos e desmedidos que supostamente extensos e mensuráveis; a criação é mais mar no próprio mar: potencialização. Onde está meu corpo? Cadê a unidade das coisas? Sejamos livres, mesmo que por um instante.

Desenhando o risco:

As potências que encerram a vida remontam a um princípio de extrema importância para o pensamento, mas ainda pouco explorado por parte da filosofia contemporânea. Trata-se do princípio de individuação. Encontramos em Gilbert Simondon um estudo desse princípio e uma teoria profundamente original da individuação, capazes de nos lançar novos desafios e de promover novos modos de pensar relações entre Aristóteles e o poeta Paulinho da Viola. Não se separa o mar do ser, pois o ser é o próprio mar... O mar se estende e retorna ao seu mesmo movimento, sempre diferenciado:

*Não sou eu quem me navega/ Quem me navega é o mar/ É ele quem me
carrega/ Como nem fosse levar...*

A individuação produz o indivíduo e faz parte de todo o processo, isto é, desde o pré-individual até o indivíduo constituído como mar e o navegante de Viola:

É ele quem me carrega/ Como nem fosse levar...

Desse modo o mar e o indivíduo, que não é o ser em sua totalidade, é tão somente o resultado relativo de um estado do ser no qual não existia antes nem como indivíduo, nem como princípio de individuação. O que podemos então dizer é que o mar e o navegante se fazem em um eterno movimento de si mesmo. As relações desenhadas entre o “navegante-mar” realizam uma individuação que diz respeito à aparição de fases no ser. Ela não é uma consequência que se deposita na borda do devir e que se isola, mas a própria operação enquanto efetuação do mar:

Pra nunca mais se acabar/ Essa viagem que faz/ O mar em torno do mar...

A individuação do mar com o navegante surge de uma supersaturação inicial do ser homogêneo e sem devir que, a seguir, estrutura-se e devém, fazendo surgir indivíduo e meio, a partir do devir que é resolução e conservação das primeiras tensões ou tendências sob a forma de estrutura:

A onda que me carrega/ Ela mesma é quem me traz...

O destino das relações entre o mar-navegante não está pronto, em ambos, parece ser único: encarnar-se na matéria. Desse modo, a relação que mantêm a forma e a matéria é sempre de exterioridade mar-navegante:

*Essa viagem que faz/ O mar em torno do mar/ A rede do meu destino/ Parece
a de um pescador/ Quando retorna vazia/ Vem carregada de dor /Vivo num
redemoinho/ Deus bem sabe o que ele faz...*

De tal modo o mar é uma operação de individuação que possa explicar como o indivíduo vem a existir, ao mesmo tempo em que lança luz sobre todo o desdobramento do processo de individuação, ou seja, o mar não é anterior ao navegante eles fazem parte do mesmo processo:

É ele quem me carrega/ Como nem fosse levar/ É ele quem me carrega/
Como nem fosse levar...

O meio não é uniforme e homogêneo como o mar e o rio. Simondon aponta: “... o meio é atravessado por uma tensão entre forças”:

Ah! Minha Portela!/ Quando vi você passar/ Senti meu coração apressado/
Todo o meu corpo tomado/ Minha alegria voltar/ Não posso definir/ Aquele
azul/ Não era do céu/ Nem era do mar/ Foi um rio/ Que passou em minha
vida/ E meu coração se deixou levar...

Referências bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução: Edson Bini. São Paulo, AP: EDIPRO, 2006.

BERGSON, Henri. *Cursos sobre a Filosofia Grega*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Tradução revista de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *A ilha deserta*. Edição preparada por David Lapoujade. Organização da edição brasileira e revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

GUIMARÃES, Rosa. “*Primeiras Estórias*”, Editora Nova Fronteira – Rio de Janeiro, 1988, página 32.

MONDOLFO, Rodolfo. *O pensamento Antigo II*. Tradução de Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1967.

MORENTE, Manuel Garcia. *Fundamentos de Filosofia – Lições Preliminares*. Tradução de Guillermo de la Cruz Coronado. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1964.

SIMONDON, G. *L'individu et sa genèse physic-biologique*, Paris: PUF, 1964.

_____. *L'individuation psychiquenet collective*, Paris: Aubier, 1969.

VIOLA, Paulinho. *Timoneiro*. Acústico MTV 2007.